

MILITÂNCIA ALÉM DAS CORES: O FUNCIONAMENTO DA MEMÓRIA EM IMAGEM DA PARADA DO ORGULHO LGBT DE SÃO PAULO

Amanda Vanele Prates Domingues
(UESB/CAPES)

Edvania Gomes da Silva
(UESB)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar os efeitos de memória, ligados ao funcionamento do discurso militar, que são retomados e (re)configurados na imagem de Viviany Beleboni, fotografada quando participava da Parada LGBT (sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) de São Paulo, que circulou na internet em junho de 2017. Para tanto, partimos da hipótese de que a referida imagem funciona como um acontecimento no sentido pechêuxiano do termo e mobilizamos outros conceitos do arcabouço teórico-metodológico da Escola Francesa de Análise de Discurso (AD), como memória, paráfrase e polissemia.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; acontecimento; memória.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo é analisar o funcionamento da memória em textos veiculados na/pela mídia digital acerca dos LGBT.

A atriz e modelo transexual Viviany Beleboni ficou popularmente conhecida, principalmente nas redes sociais, ao desfilar em uma cruz, na Parada LGBT de 2015, fazendo referência a Jesus Cristo crucificado. Em 2017, na 21ª edição do mesmo evento, Beleboni vestiu-se de militar, propondo uma espécie de “conscientização” da comunidade LGBT para as eleições presidenciais de 2018. Tal conscientização baseia-se em uma memória segundo a

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

qual existe a possibilidade de sujeitos políticos, contrários às causas LGBT, elegerem-se.

Desta forma, filiamo-nos ao arcabouço teórico-metodológico da Escola Francesa de Análise de Discurso, para verificar, a partir de análise indiciária (GINZBURG, 1989), os efeitos de memória e as (re)configurações dos efeitos de sentido, materializados no *corpus* selecionado.

MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* selecionado para análise é constituído por uma imagem que circulou na internet em junho de 2017, quando do acontecimento da 21ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, em que Viviany Belebony caracteriza-se de soldado militar, cujo efeito é reforçado por um cartaz que exhibe os dizeres: **“Nossa maior arma é nosso voto. + amor - ódio. #VOTELGBT2018”**.



Figura 1: Viviany Belebony na Parada LGBT de São Paulo em 2017.

(Fonte: www.g1.globo.com)

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

Para a análise, consideramos como procedimento metodológico principal o paradigma indiciário, pensado por Ginzburg (1989), cuja noção considera a opacidade da realidade (neste caso, das linguagens verbal e não-verbal), mostrando que é possível decifrar certas “zonas privilegiadas” dessa mesma realidade, as pistas, indícios.

Amparados em Fonseca-Silva (2007, p. 19), para quem “toda e qualquer materialidade simbólica de significação funciona como lugar de memória discursiva”, consideramos a imagem como lugar de interpretação e, também, de reconfiguração da memória materializada na/pela imagem.

Para o conceito de memória, consideramos a noção de Pêcheux (1999, p. 52), que a entende como lugar onde emergem os implícitos, os pré-construídos; os ditos “ausentes por sua presença”. Segundo o autor, no jogo de força da memória, a irrupção do acontecimento pode manter a regularização ou causar desordem a essa rede de implícitos.

Para Orlandi (2015), em consonância com os postulados de Pêcheux sobre memória, em todo funcionamento da linguagem, há uma tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os primeiros dizem do retorno de sentidos, do que se mantém, da memória. Os últimos referem-se à ruptura e ao deslocamento dos sentidos e, portanto, à emergência do equívoco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na materialidade significativa tomada para análise, Viviany Beleboni aparece vestida de soldado, enquanto segura uma bazuca de onde saem flores brancas. À sua frente, anexo ao trio elétrico, um cartaz exhibe os dizeres: “Nossa maior arma é nosso voto. + amor - ódio. #VOTELGBT2018”.

Nesse sentido, verificamos um jogo entre memória e atualidade, em que o discurso político, especificamente o da ditadura militar, é retomado por meio da imagem da modelo vestindo roupas de soldado e com uma arma em punho. Dessa forma, considerando a atual conjuntura política do país, em que há grupos clamando pelo

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

retorno do regime militar e há, vinculado a tais grupos, a valorização de sujeitos políticos que adotam uma postura que se aproxima do autoritarismo vivenciado no período da ditadura militar, verifica-se uma retomada desses implícitos, os quais, estão “ausentes por sua presença” (PÊCHEUX, 1999, p. 52). Entretanto, essa memória evocada causa perturbação à rede de implícitos, uma vez que, em vez de reafirmar o caráter negativo da ditadura militar, os indícios apontam para a construção de uma imagem positiva da militância. Nesse sentido, a imagem do soldado militar é reconfigurada e “revestida” como aquele sujeito cuja militância baseia-se em exercer seu direito ao voto, mas, acima de tudo, de saber escolher corretamente seus governantes.

A perturbação da rede de memória pode ser verificada, ainda, na formulação linguística #VOTELGBT2018, uma *hashtag*, na linguagem do discurso digital. A formulação retoma a *hashtag* #Bolsonaro2018, que circulou nas redes sociais, principalmente Twitter e Facebook, e apontava para os anseios de uma parte da população pela candidatura de Jair Bolsonaro (deputado brasileiro contrário às causas da comunidade LGBT) nas eleições presidenciais de 2018. Ao retomar/reconfigurar a *hashtag* #Bolsonaro2018, a materialidade sob análise confere um outro efeito de sentido à referida *hashtag*, pois indica a possibilidade de eleição de candidatos que pautem suas propostas políticas nas demandas de grupos minoritários.

CONCLUSÃO

As análises mostraram que, no jogo entre memória e atualidade, o acontecimento, além de estabelecer uma relação parafrástica com os sentidos, pode causar a ruptura dos processos de significação e configurar-se como a falha, o equívoco, que caracteriza o real da língua na história. Em outras palavras, mesmo que uma memória do discurso militar seja evocada, ela vem reconfigurada, pois o acontecimento perturba a rede dos implícitos e ressignifica, positivamente, certa imagem negativa do militar.

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

REFERÊNCIAS

- FONSECA-SILVA, M. da C. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, M. da C.; POSSENTI, S. **Mídia e rede de memória**. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007. p. 11-37.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais**. Morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015. Edição original: 1999.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. Tradução de J. H. Nunes. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 49-57.